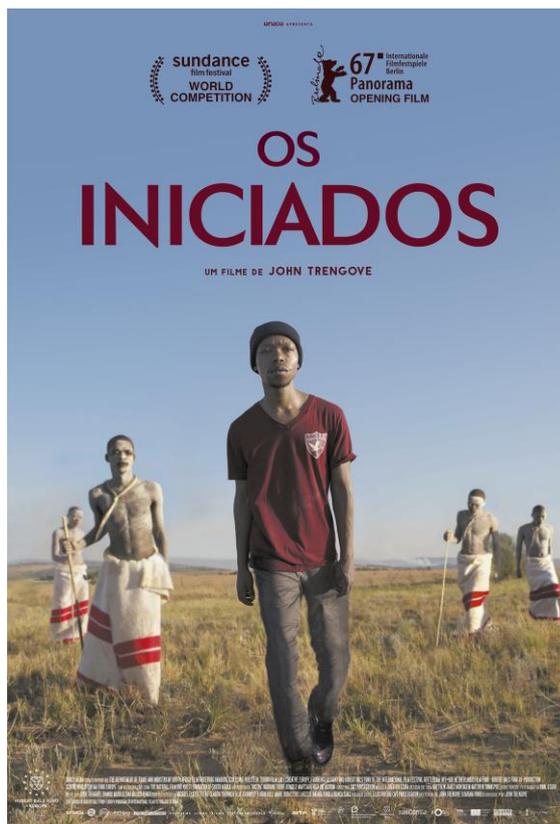


COLUNA

Cinema da Diversidade

Rodrigo Lara



A proposta dessa coluna é refletir sobre o cinema africano contemporâneo a partir da indicação de filmes que estimulam novos olhares, trazem angústias e, também, ressignificam corpos, vivências e sexualidades. Obras que possam ser lidas pelo olhar “*decolonial*” e debatidas a partir de diversas perspectivas como o racismo, a homofobia, o patriarcado ou o machismo. Nesse primeiro texto, o recorte foi feito a partir da perspectiva dos movimentos LGBTQUIA+ destacando duas obras que conquistaram a crítica internacional e que foram repreendidas, condenadas e/ou censuradas, inicialmente, em seus países de origem.

Em “*Os Iniciados*”¹ (*Inxeba*, 2017, África do Sul) de John Trengove o rito de iniciação de jovens meninos servirá de pano de fundo para discutir a

¹ Disponível na plataforma Looke - <https://www.looke.com.br/filmes/os-iniciados>
 Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 39, ago de 2021 – ISSN: 1983-2354
<http://www.africaeaficanidades.com.br>

situação e condições do que se espera do papel do homem e as consequências para quem enfrenta o machismo e o patriarcado nas regiões rurais da África do Sul. Já em “**Rafiki**”² (idem, 2018, Quênia) de Wanuri Kahiu é a descoberta do primeiro amor entre duas garotas que irá esmiuçar a homofobia e o patriarcado nefasto que atinge as sociedades oprimidas por religiões e leis do período colonial. Os dois filmes estão disponíveis na plataforma Looke.

Antes de iniciar a discussão é preciso ter em mente que a África é um continente formado por diversos países que se encontram também em situações e fases bastante diferentes em relação aos direitos LGBTQIA+ e o ativismo *queer*. Para maior fluidez textual, iremos considerar o ativismo *queer* como sinônimo de LGBT (apesar de diferenças significativas entre os dois conceitos). A advogada e ativista de direitos humanos sul-africana Sibongile Ndashe³, traz a seguinte lição:

“Alguns países não têm movimentos para falar e a postura de “não pergunte, não conte” (*don’t ask, don’t tell*) permanece a única forma de ativismo: se sabe que existem pessoas LGBTI nas comunidades, mas não há discussão a ser feita. Há países onde houve movimentos que permaneceram estáticos, pois não foi possível expandir os círculos do ativismo. Há países onde o movimento foi capaz de se enraizar na sociedade civil. A afirmação “a África é um continente, não um país” se torna mais importante onde a histórica única continua a permear o ativismo LGBTI no continente, ou seja, a ideia de que o ativismo não existe, que somente existe homofobia.” (Ndashe, 2018, p.78)



² Disponível na plataforma Looke - <https://www.looke.com.br/filmes/rafiki>

³ AMANCIO, Izzie Madalena Santos; PARADIS, Clarisse Goulart; REA, Caterina (org.). **Traduzindo a África Queer**. Salvador: Editora Devires, 2018. In: A história única a homofobia africana é perigosa para o ativismo LGBTI (78-88)

Imagens do filme "Os iniciados", de John Trengove Foto: Divulgação

A promissora estreia em longas do diretor (branco) sul-africano John Trengove foi muito bem-sucedida internacionalmente. **“Os Iniciados”** (o título no original seria algo como “A ferida”) foi destaque em importantes festivais em 2017 como Festival de Berlim (indicado ao Teddy – prêmio mais famoso para obras LGBT), Sundance, Londres e circulou no Brasil na 41^a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e no Festival Mix Brasil. O filme conquistou 26 prêmios internacionais além de ter sido escolhido pela África do Sul como representante oficial no Oscar, chegando a ser semifinalista na categoria de melhor filme estrangeiro.

A narrativa gira em torno de Xolani (Nakhane Touré), um operador de máquinas que vive sozinho na cidade grande e que é convidado a voltar ao seu povoado para ser o mentor de um jovem rico durante o ritual de iniciação à masculinidade, chamado de “Ulwaluko”⁴. O ritual é uma circuncisão coletiva praticado nos jovens Xhosa (um dos grupos étnicos dos batus localizados principalmente na província do Cabo Oriental, na África do Sul) quando estão saindo da adolescência e entrando na vida adulta.

A missão de Xolani é assegurar o sucesso do ritual de Kwanda (Niza Jay Ncoyini), adolescente “rebelde” que mora em Joanesburgo e que questiona os códigos patriarcais e a necessidade de participar do ritual, já que a família tem plenas condições econômicas para uma cirurgia em hospital. O pai relata à Xolani que o filho é um pouco frágil e delicado, culpando a mãe por mimá-lo demais. Kwanda é descrito com sutileza como um “quase homossexual” e seu pai acredita que forçando-o a enfrentar a tradição do ritual será o suficiente para o filho se tornar “homem” (no padrão da heteronormatividade).

A verdadeira motivação de Xolani para retornar às montanhas de seu povoado e participar do Ulwaluko é o desejo de reencontrar Vija (Bongile Mantsai), outro mentor que, secretamente, é seu amante desde sua iniciação no Ulwaluko.

Nessa tradição cada mentor recebe um jovem ou um grupo de jovens que ficará sob sua guarda durante algumas semanas (tempo necessário para a ferida cicatrizar) em um acampamento rústico no meio de uma montanha e às margens de um rio. A cena da circuncisão lembra muito a estética dos documentários, principalmente aqueles realizados por alguém que representa o colonizador – ou seja, alguém que irá guiar o nosso olhar não de forma a gerar empatia, mas com o objetivo de mostrar que esse “outro” (o africano) é exótico e primitivo. Essa opção estética de buscar a fidelidade do real revela, possivelmente, a incapacidade do jovem diretor branco de entender o contexto cultural daquele povoado. Destaque para a cena, logo no começo do filme, em

⁴ <https://ao.wiki2.wiki/wiki/Ulwaluko>

que os meninos estão sendo cortados (sem qualquer assepsia ou anestesia) e são obrigados a não chorar enquanto gritam: “eu sou homem”.



Imagens do filme "Os iniciados", de John Trengove Foto: Divulgação

O ritual dura algumas semanas e representa a transição para a fase adulta, durante este período os jovens precisam lidar com as atividades cotidianas de sobrevivência (buscar água, cortar lenha, providenciar alimento, enfrentar a natureza) enquanto são “orientados” pelos mentores a cuidar de seus pênis feridos.

O diretor cria uma áurea de homoerotismo (“broderagem” na linguagem mais atual) sem nunca mostrar nada exatamente erótico. Enquanto as feridas vão cicatrizando os meninos precisam lidar com as disputas que irão pautar sua masculinidade -infelizmente esse tema acaba sendo pouco desenvolvido ao longo do filme, mas é perceptível a crescente toxidade masculina que se forja ao longo dessas semanas de convivência. A competitividade entre eles vai se evidenciando quase chegando ao clima de agressão e à violência. É nesse ambiente que vamos descobrindo o relacionamento secreto de Xolani e Vija.

Fisicamente Xolani é o mais frágil e retraído dos mentores, ao passo que Vija é apresentado como forte, viril e provocador. A direção escorrega no clichê e reforça o estereótipo associado ao gay passivo (características mais comuns ao universo feminino) e intensifica essa oposição ao retratar Vija como o “macho alfa”, dominador, perpetrador de um sexo cheio de desejo, porém violento e de pouco (ou quase nenhum) afeto.

Em uma bela cena de entardecer (a fotografia do filme é deslumbrante) Xolani informa a Vija que esse será seu último acampamento e que não irá voltar no ano seguinte. É como se tentasse convencer seu amante a encerrar o seu casamento de fachada e assumir seu desejo homossexual. Em um belo momento do filme, os dois dormem juntos em cópula na mata e são flagrados pelo jovem Kwanda ao amanhecer. O real conflito do filme está armado e, é a partir desse ponto que a obra perde em ousadia e parte para soluções que desagradam o olhar decolonial e os anseios dos discursos da militância queer.

Kwanda, que durante o filme foi o único personagem que teve (alguma ou poucas) oportunidades de expressar um discurso de politização e de questionamento do *status quo* dessa sociedade (principalmente contra o patriarcado e contra a homofobia) se torna o elemento de desestabilização e ameaça para a relação de Xolani e Vija. Se na primeira parte do filme o jovem gay discursa “que eles não estão em Uganda ou Zimbábue” (países em que a homossexualidade é reprimida, condenada e punida), na parte final a direção apresenta (é uma possibilidade de leitura) o personagem como um homossexual homofóbico e vingativo.

Com medo das consequências o casal de amantes precisa pensar como lidar com o jovem e, também, como lidar com as próprias vidas.

O filme de John Trengove foi recebido na África do Sul com várias críticas negativas e manifestações contra seu lançamento. A crítica interna rotulou como “culturalmente insensível” por mostrar os rituais tidos como “secretos”. A verdade é que o filme foi criticado não pelos rituais, mas por trazer a questão homossexual. Na estreia no Festival de Berlim o diretor revelou que os atores sofreram ameaças de morte e que isso limitou o circuito de exibição na África do Sul. Além disso o filme teve a sua classificação indicativa revisada “X18” (que seria superior ao nosso padrão de “proibido para menores de 18 anos”). Essa confusão toda ao redor do filme só comprova sua

importância e a ironia é que o filme foi selecionado pelo próprio governo a representar o país na disputa pelo Oscar.

“**Rafiki**” (idem, 2018, Quênia) de Wanuri Kahiu é uma joia rara da cinematográfica contemporânea africana. A maior parte da crítica⁵ que li sobre o filme destaca a simplicidade e a delicadeza de um filme que retrata o amor lésbico e juvenil. Ressaltam a plasticidade e a beleza da fotografia em tons de rosa ou pastéis e terminam por concluir que o filme entrega muito menos do que poderia, mas que atenderá muito bem à plateia menos exigente e que apenas deseja um entretenimento agradável. Não discordo totalmente dessas posições, mas minha proposta foi apreciar a obra com outros olhares.

O ponto de partida é a clássica história de amor de “Romeu e Julieta”, em que o casal não poderá desfrutar do amor em função da rivalidade de suas famílias. Desde logo poderíamos pensar que se trata de mais um filme a repetir o arquétipo do amor juvenil, tentando parecer moderno apenas pelo viés da roupagem do amor lésbico. Será só isso?

⁵ https://www.rottentomatoes.com/m/rafiki_2019/reviews



Imagens do filme Rafiki, de Wanuri Kahiu. Foto: Divulgação.

“Rafiki” significa "amigo" em swahili⁶ (uma das línguas oficiais do Quênia e uma das mais faladas no continente). Ocorre que se trata de “amigo” no sentido mais restrito - designação dada aos casais homossexuais que tentam disfarçar sua condição, afinal a prática homossexual é passível de até 14 anos

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_sua%C3%ADi

de prisão no Quênia⁷. Ou seja, já pelo título podemos fazer uma ligação direta com a tese apresentada no começo desse texto sobre as barreiras enfrentadas pelo movimento queer na África – a política do “**não pergunte, não conte**” (don’t ask, don’t tell). Nesse sentido é importante já assinalar a coragem da proposta de Wanuri Kahiu, afinal, no Quênia é criminoso e patológico ser homossexual.⁸

A narrativa se desenvolve a partir de Kena (interpretada por Samantha Mugatsia, que até então não era atriz e foi descoberta pela diretora em uma festa). Ela é filha de um comerciante que é candidato ao ingresso em cargo político para representar a periferia de Nairóbi. Seus pais estão separados e o patriarca já constituiu nova família com uma mulher mais jovem. Kena mora com sua mãe – uma mulher retratada como frustrada e envergonhada pelo divórcio e que passa o dia em casa ou nos afazeres de uma religião evangélica. A rotina de Kena é cuidar da mãe, ajudar o pai no mercadinho e jogar futebol com os meninos do bairro. Sua vida ganha novas cores quando ela conhece Ziki (Sheila Muniyiva), filha do rival de seu pai na política.

Da mesma forma que acontece em “Os Iniciados” as personagens são retratadas a partir de estereótipos de sua sexualidade. Kena é a garota de cabeça raspada com traços levemente masculinizados e é ela quem “move a história” (subjetivação de que o protagonismo está ligado ao masculino). Já Ziki é o seu oposto: é sensual, dança, usa roupas alegres e femininas e parece estar sempre à espera do “príncipe encantado” que a retire da rotina e ajude a realizar seus sonhos. A diferença aqui é que o uso desses arquétipos é muito mais sutil e está a favor da narrativa, ajudando o público entender a fascinação que se cria entre elas.

Um dos méritos de “Rafiki” foi não apelar para cenas de sexo ou sensuais. A diretora prefere mostrar o “amor romântico e inocente” da primeira paixão. É como um conto de fadas. Não é possível saber se essa opção se deu pelo contexto político do país ou pela idade das atrizes. De toda forma, é filmado com muita delicadeza e sem gratuitades, mesmo quando o conflito explode e as famílias descobrem a violência que as jovens sofreram. E pior, a violência também se manifestará em seus lares.

As escolhas estéticas de Wanuri Kahiu

Kahiu realizou um incrível trabalho de criação do universo de Kena e Ziki. As imagens são encantadoras, pois todos os elementos estéticos foram pensados para apresentar uma cidade viva, vibrante, feliz, mesmo que as personagens não vivam no luxo. Há muitas cores, sons, “cheiros”, momentos triviais de bate papo que estão embebecidos de otimismo – como na cena em que Kena toma um refrigerante com amigos no mercadinho “da vilã fofqueira”.

⁷ <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/tribunal-do-quenia-proibe-exames-anais-para-descobrir-homossexualidade>

⁸ <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/quenia-mantem-criminalizacao-da-homossexualidade>

Essas escolhas são parte da visão decolonial proposta pela diretora ao olhar o cotidiano do Quênia, ou seja, não é preciso mais retratar os africanos pelo olhar fetichista de mostrar miséria, fome e condições precárias.

As personagens não levam uma vida de riqueza ou de pobreza. Aparentemente temos um retrato de uma classe média queniana que trabalha e consegue tempo para ser feliz de forma integral mesmo com as dificuldades inerentes do dia a dia. Uma das grandes qualidades dessa obra é esse combate às formas redutoras de possibilidades narrativas sobre o continente africano. A diretora é uma das fundadoras do movimento artístico chamado “*Afrobubblegum*”, que tem como motivação promover “uma representação divertida, feroz e fantástica” da África⁹. O movimento intenciona:

“Acreditamos em uma representação divertida, feroz e frívola da África. Para isso, trabalhamos para curar, comissionar e criar trabalhos divertidos que celebrem a alegria. Somos contadores de histórias, fabricantes de roupas, designers gráficos, músicos, amantes da vida, arautos da alegria, promotores da beleza, anunciadores da esperança. Com links para presença online existente, celebramos a amplitude de curadores, colecionadores e criadores que já celebram a alegria, o amor e a felicidade da África por meio de seu trabalho.” (<https://www.afrobubblegum.com/>)



Imagem do filme “Rafiki”

Wanuri Kahiu foi a primeira queniana a chegar ao Festival de Cannes - o maior e mais importante festival de cinema do mundo. Apesar disso, o sucesso internacional não garantiu o banimento da obra em seu país de origem. O

⁹ <https://www.indiewire.com/2019/04/rafiki-interview-wanuri-kahiu-afrobubblegum-1202127697/>

governo classificou o filme como “propaganda de incentivo ao lesbianismo”, o que é crime pelas leis coloniais que ainda regem o país. A diretora processou o Estado e conseguiu assegurar algumas exibições do filme para qualificá-lo a disputar uma nomeação ao Oscar. A diretora relatou que o governo exigiu que o final do filme fosse alterado para um tom mais triste, pois o original era positivo e esperançoso. Mesmo o governo perdendo a disputa judicial e com a diretora, a situação do filme continuou seríssima, afinal quem fosse pego em posse do filme, seria preso com pena de até 14 anos de prisão, a mesma sentença básica para um homossexual descoberto no país.

Dessa forma, considerar o filme uma obra singela, inocente e de mero entretenimento juvenil é um grande equívoco e só revela a incapacidade do ocidente e do público que ainda está submetido ao cinema colonialista, eurocêntrico e heterossexual de perceber e compreender outras nuances, possibilidades e as impossibilidade de expressão.

Considerações Finais

O cinema é uma importante linguagem que pode apresentar novas possibilidades ao público. É uma arte com grande capacidade de criar empatia, encantar e despertar corações e mentes. É impossível pensar a África como um continente de narrativas únicas sob quaisquer aspectos. Como abordamos na abertura do texto, no continente africano há uma pluralidade de estágios e de disputas no campo do enfrentamento da homofobia e da criminalização da homossexualidade. Mesmo em países mais avançados na garantia de direitos da população LGBT, como a África do Sul, um filme como “Os Iniciados” pode ser o estopim para violências e ameaças. E, por outro lado, mesmo nos países em pior situação de enfrentamento dessas pautas, há espaço para aflorar a criatividade encantadora de um cinema de afeto. É preciso que cada país desenvolva as suas próprias estratégias para promover direitos LGBTs e fortalecer a luta pelo direito de existir dessa população. O cinema sempre será uma boa ferramenta para transmissão de mensagens. O cinema africano contemporâneo está atento às mensagens progressistas e preocupado em responder ao seu contexto social – com isso, cada vez mais consegue se libertar das amarras coloniais de realizadores e financiadores que insistem em produzir narrativas do exótico e da miséria. Para o movimento proposto por Wanuri Kahiu “chegou a hora de os leões falarem”, pois é inaceitável que o cinema repita apenas a mensagem do caçador europeu. Estamos na melhor hora para o caçador começar a ouvir essa nova linguagem que é cheia de alegria.”

Rodrigo Lara



Possui especialização em Produção de Conteúdo Audiovisual para Multiplataformas, realizada na Universidade Federal de São Carlos (2019), graduação em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (2016) e graduação em Ciências Sociais e Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2009). É realizador audiovisual de documentários, atuando nas áreas de direção, roteiro e produção executiva

PARA SABER MAIS:

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. SP: Editora Martins Fontes. 1972.

SANTOS, Gislene Aparecida. **Percepções da diferença**. Vol. 1. “Coleção Percepções da Diferença: Brancos e Negros na Escola. São Paulo: NEINB, 2009

SANTOS, Marcos César Gomes. **Rede Afro**: Quando o movimento LBGTT diz que não e nós afirmamos que sim, há racismo. Monografia do curso de Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira. Centro Salesiano Universitário de São Paulo. 2015. 90p.